

Que mudança é essa?

No ano em que foi produzido, 1976, *Soledade* só encontrou chatura semelhante em *Fogo Morto*, este, como o outro, inspirado na literatura brasileira. Enquanto o diretor do primeiro, Paulo Thiago, fez uma adaptação ligeira do livro (*A Bagaceira*) de José Américo de Almeida, Marcos Farias procurou manter, ao máximo, fidelidade ao romance homônimo de José Lins do Rego. Mas, em ambos os casos, redundou-se numa inépcia até certo ponto digna. Menos pelo apoio embráfílmico - condescendente com as adaptações literárias - que pela seriedade das realizações e das respectivas equipes.

Publicado, sob o impulso do movimento modernista, em 1928, *A Bagaceira* é tida como a matriz da literatura regionalista. E Thiago vinha de outra literatice, baseada num conto (*O Duelo*) do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa - e era um filme até razoável se comparado a *Soledade*.

Neste, há passagens involuntariamente hilariantes. Por exemplo, os diálogos com rima à maneira das escritoras de cordel, que não conseguem nada mais que soar ridículos. Através deles, também se pode notar a que ponto chegavam as ambições de Thiago - que certamente pensou conceber uma obra político-social e de erudição roseana. Quanto à decisão de transformar *Soledade* (no filme, Rejane Medeiros) na principal figura, talvez tenha tido um fundo feminista («uma antevisão da mulher moderna», segundo o *press-book*). Parece também que o cineasta quis dar a *Soledade* uma dimensão bem próxima da aura que os diretores europeus concediam às suas personagens, nos anos 60, ou ainda hoje - como nos mostrou Carlos (*Ana e os Lobos*) Saura; isto é, *Soledade* é uma forasteira que chega a um determinado lugar, onde vai bagunçar o coreto.

Como reza a tradição do planalto, todo cineasta que por aqui passar, deve dar um alô na Universidade de Brasília - o que não deixa de ser, no mínimo, uma demonstração de que alguém nesta terra preza a necessidade da discussão. Pois bem, de passagem pela cidade, a propósito do lançamento de *Soledade* Thiago teria atirado as mentes ávidas da UnB. Não pelo filme, evidentemente, mas sim pelas declarações que fizera em tom pedantemente profético.

Uma delas: «Quem continua fazendo um cinema voltado à interpretação dialética da realidade são os que realizam filmes de produção independente que, para isso, têm corrido riscos econômicos e políticos». Até aí, nada de novo, se ele não afirmasse que o cinema de autor, no Brasil já estava sendo sufocado por produções tipo *Lição de Amor*, *Xica da Silva* e *Dona Flor*. Para Thiago, estes e outros títulos eram meras chupações das novelas da Globo.

Os que ouviram as vaticinações do cineasta, hoje talvez, gostassem de puxá-lo pelo colarinho para saber, com detalhes, o porquê de sua (aparente?) mudança de opinião e atitude. Para quem não sabe, sua última realização (*A Batalha dos Guararapes*, já quase concluída) superou, em custo e badalação, *Anchieta José do Brasil*, de Paulo César Saraceni - ao orçamento (25 milhões) deverá ainda ser injetado outro tanto para a publicidade. Através das fotos e reportagens na Tv, alguns apressados já têm a faraônica produção como uma espécie de *Barry Lyndon* tupiniquim.

«A ocupação holandesa constitui tema de grande atualidade pois conta a história de um país em formação, explorado por uma grande companhia estrangeira, no caso a Companhia das Índias Ocidentais». Em depoimento que aparece no curto *Cinema Brasileiro*, de Marcos Farias, Thiago faz outra analogia - para ele a batalha do CB, para conquista de mercado, tem diversas afinidades com a *Batalha dos Guararapes*.

No que será que vai dar isso?



Rejane Medeiros e Nelson Xavier: *Soledade*